

Afinal que país é este? Belíndia ou Corgola?

Claudio de Moura Castro*
Marcelo Cabrol

“No fundo, a questão é muito simples. Vejamos...” (Mario Henrique Simonsen, transformando um pantanal de teorias em duas ou três idéias límpidas)

No início dos anos 70, as suspeitas de que a distribuição de renda brasileira era deplorável receberam suas primeiras confirmações empiricamente rigorosas. Isso abalou os alicerces intelectuais do Milagre Brasileiro e trouxe a primeiro plano discussões que até hoje persistem. Nessa época, Edmar Bacha inventa o termo Belíndia para denominar este país heterogêneo que contém uma Bélgica rica e uma Índia miserável.

Desde então, Belíndia virou metáfora para as desigualdades do Brasil, sem que se defina muito bem se é uma repartição geográfica ou uma diferenciação entre pessoas. Virou sinônimo da nossa desigualdade extrema, sucedendo *Os dois Brasis* e *Brasil, terra de contrastes*, títulos dos livros de Jacques Lambert e Roger Bastide.¹

Como metáfora, permaneceu sem expressão quantitativa mais rigorosa. Onde está a Índia? Onde está a Bélgica? Trata-se de uma separação geográfica, mais em linha com uma interpretação literal da metáfora? São Paulo é Bélgica e Piauí é Índia? Ou bem uma Bélgica no Leblon e uma Índia na Rocinha?

O uso generalizado dos coeficientes de Gini para medir distribuição de renda não distinguem a geografia da estratificação social. Embora confirmem a horrenda desigualdade dentre pobres e ricos, não explicitam a natureza da desigualdade.

Desde o desenvolvimento da contabilidade nacional, lá pelos idos da II Guerra, temos um indicador de renda que nos permite medir o bem-estar puramente econômico dos países: a renda nacional e a sua imagem que é o produto interno bruto. Graças a estes indicadores, comparamos países e regiões, medimos avanços e retardos, enfim, temos uma fita métrica para avaliar os níveis de produção e a renda dos países.

Mas sempre houve queixas justificadas de que a renda *per capita* não captava o nível de bem-estar das sociedades, pois a sua distribuição pode ser muito diferente e

*Os autores trabalham para o Banco Interamericano de Desenvolvimento. Não obstante, as opiniões aqui expressas não refletem posições oficiais do Banco.

¹ Lambert, J. *Os dois Brasis*. São Paulo, Nacional, 1978; Bastide, R. *Brasil, terra de contrastes*. São Paulo, Difel, 1980.

os usos dessa renda podem não aumentar o bem-estar da sociedade (por exemplo, gastos militares excessivos). Ademais, “estas medidas tomam os seres humanos como meios para aumentar a renda, mais do que como fins do desenvolvimento... Estão preocupadas com os seres humanos como insumos para aumentar a produção”.²

Em 1990, Mabul Ul Haq foi contratado pelo Pnud para medir desigualdades sociais. Como resultado do seu esforço inicial, foi publicada a primeira tentativa sistemática de medir o desenvolvimento humano das sociedades. Desde então, o Pnud produziu sete atualizações dos índices (de 1990 a 1996). Muito se escreveu sobre eles índices e bastante avançou nossa compreensão sobre o lado social do desenvolvimento econômico ou de sua ausência.

Inspirados em uma monografia publicada em 1996 pelo OECF (The Overseas Economic Cooperation Fund), tentamos dar um pequeno passo adiante, com o objetivo de entender as diferenças dentro de países grandes e heterogêneos.³ Calculamos os mesmos índices do Pnud para estados e províncias de alguns países grandes. Ou seja, tratamos cada estado como se fosse um país e aplicamos neles exatamente as mesmas fórmulas do Pnud.

Além do interesse intrínseco das comparações possíveis, passamos a poder ilustrar com números a metáfora de Belíndia. No que segue, resumimos os métodos usados pelo Pnud, discutimos o significado das hipóteses embutidas nas ponderações e apresentamos os resultados das nossas comparações.

1. A Fórmula de Mabul Ul Haq para Medir o Desenvolvimento Humano

Vêm de longa data os esforços para calcular indicadores sociais. O principal problema prático é a disponibilidade de informações medianamente confiáveis, sobretudo no caso dos países mais pobres, onde, além de sua pobreza econômica, há também pobreza nas informações estatísticas. Tal fato inelutável força o uso de indicadores muito simples que não fazem justiça à riqueza de dimensões do desenvolvimento social. Como medir segurança pessoal? Como medir os benefícios de um sistema democrático?

“O Índice de Desenvolvimento Humano (HDI), proposto pelo primeiro *Human Development Report*, introduziu uma nova maneira de medir o desenvolvimento – através da combinação de indicadores de esperança de vida, níveis educacionais e renda em um indicador combinado de índice de desenvolvimento, o HDI. O avanço obtido pelo HDI foi encontrar uma unidade comum de medida para a distância sócio-econômica conquistada. O HDI estabelece um mínimo e um máximo para cada dimensão e, então, mostra onde cada país se situa com relação a estas escalas – expressas como um valor entre 0 e 1. Já que a proporção mínima de alfabetização de adultos é 0% e a máxima é 100%, o componente de alfabetização medindo o conhe-

² UNDP Homepage, *Analytical Tools for Human Development*, p. 2.

³ OECF. *Issues in the development of low-income states in Brazil*. Tokyo, 1996. (OECF Research Papers, 12).

cimento em um país cuja taxa de alfabetização é 75% seria 0,75. Pela mesma forma, a esperança mínima de vida é de 25 anos e a máxima de 85, assim, o componente de longevidade para um país onde a esperança de vida é de 55 anos seria 0,5. Para a renda, o mínimo é de \$100 e o máximo de \$40.000. Rendas acima da média mundial são ajustadas usando taxas de desconto progressivamente mais altas. A pontuação para as três dimensões são então tomadas pela sua média na construção de um índice global.”⁴

As edições mais recentes propõem a introdução de outros indicadores, a fim de ajustar os índices às necessidades de cada tipo de situação. Contudo, o problema com os outros índices é o mesmo de sempre, isto é, não existem informações para muitos dos países mais pobres. Pelas mesmas razões, não estão facilmente disponíveis para estados ou províncias dentro de países. Por estas razões, nossa análise fica restrita aos três indicadores propostos pelos índices, hoje clássicos, do Pnud.

2. As Fraquezas e Surpresas dos Números Sintéticos

Índices são números inventados, produtos sintéticos, obra da nossa imaginação. A escolha dos indicadores a ser incluída em um índice é arbitrária, ao mesmo tempo que faz enorme diferença nos resultados obtidos. A definição de como operacionalizar as medidas é igualmente importante para os resultados. A qualidade dos dados usados é claramente um fator importante. Mais insidiosos e igualmente críticos são os pesos dados a cada componente do índice.

Por essas razões, índices têm que ser tomados como resultados meramente sugestivos. Tais como quaisquer outras análises desse tipo, tentam-se ilustrar grandes tendências, mostrar contrastes, mais do que pensar em uma olimpíada de índices. Centésimos de segundo significam a diferença entre uma medalha de ouro e nenhuma medalha nos Jogos Olímpicos. Variações consideráveis nos índices não significam nada.

Vejamos um interessante exemplo de resultados gerados estritamente pela forma de medir educação. A França está em 6^a lugar no índice. Alemanha e Áustria estão respectivamente, em 11^a e 12^a. Por que será? A razão é simples. Os três países têm proporções muito elevadas da faixa etária correspondente em formação profissional. Mas como na França a formação profissional é predominantemente dentro da escola acadêmica, é contada como matrícula escolar na medida de escolarização. Em contraste, os excelentes sistemas de aprendizagem da Alemanha e Áustria não são contados como matrícula escolar, prejudicando o índice de escolaridade.

A escolha das medidas de esperança de vida e alfabetização fazem com que o índice seja um resultado acumulado do que foi feito no passado, mais do que reflexo do que está sendo feito no presente. Esperança de vida reflete os níveis de saúde, nutrição e condições materiais de vida que determinaram a mortalidade de várias gera-

⁴ *UNDP Homepage. Analytical tools for human development. p. 2.*

ções. Um país que melhorasse dramaticamente seus níveis sanitários e de atendimento médico não reviveria os seus mortos, cuja ausência está reduzindo a esperança de vida. Note-se, por exemplo, que na Coreia do Sul, um país de excepcional desempenho, a esperança de vida (0,70) puxa para baixo o índice global (0,86), refletindo a pobreza vigente em um passado já algo remoto. Como já menciona o artigo “Analytical tools for human development”, mortalidade infantil ou acesso a serviços médicos seriam mais sensíveis ao curto prazo.⁵

Pela mesma forma, alfabetização reflete a disponibilidade de escolas na geração dos mais velhos sobreviventes da população. Um país como o Brasil, que hoje matricula 96% da faixa etária, tem uma taxa de alfabetização de 82%, refletindo a ausência de escolas no passado. Por mais que se faça para oferecer uma boa educação às gerações em idade escolar, pouco impacto isto terá no indicador de alfabetização que reflete os analfabetos mais idosos.

O uso de um algoritmo para comprimir as variações de renda tem como resultado reduzir o peso efetivo da renda na construção do índice. Uma consequência desta compressão é piorar consideravelmente a posição relativa dos países que têm muita renda e poucas realizações na saúde e na educação. Isso acontece sistematicamente com os países do petróleo. Por exemplo, Kuwait que baixa 37 posições, comparado com sua posição em uma ordenação pelas rendas *per capita*, Brunei perde 23 posições, Qatar perde 36, os Emirados Árabes perdem 52. Em contraste, Costa Rica ganha 36 posições, o Uruguai 20 e Rússia 15. O Brasil perde 11 posições, situando-se no 63º lugar, em um mundo de 173 países.

E se fossem escolhidos outros indicadores, como se reordenariam os países? Apenas como curiosidade, poderíamos tomar, com sinal negativo, gastos militares *per capita*. Grandes exércitos são improdutivos, consomem recursos que poderiam aumentar o nível de vida da população e desequilibram a equação política e de poder. Se substituíssemos o indicador de alfabetização por um indicador de gastos militares *per capita*, o Brasil mudaria completamente de posição por ser um dos mais ávaros gastadores com exércitos (\$40 *per capita*, comparado com \$1.074 para os Estados Unidos). Recalculando o índice com gastos militares ao invés de alfabetização, o Brasil que está em 63º lugar no *ranking* dos HDIs passaria à frente dos Estados Unidos e empataria com a França, países cujos HDIs os colocam entre os 10 mais elevados do globo. Qual o índice certo? Não há certo ou errado, apenas uma decisão arbitrária baseada em juízos de valor acerca do que as sociedades valorizam como realizações sociais.

Estes comentários simplesmente visam chamar a atenção para a arbitrariedade do exercício. Os índices são instrutivos mas apenas aproximados.

⁵ UNDP. *Analytical tools for human development*. p. 3.

3. A Geografia da Prosperidade em Quatro Países Grandes: Brasil, Argentina, México e China

Em países como Cingapura e Bélgica, o HDI reflete claramente a situação do país. Além de homogêneos por sua história, são países pequenos. Mas o que dizer do Brasil, da China e do México, países grandes e heterogêneos. Será o Brasil realmente uma Belíndia?

Seguindo exatamente os mesmos métodos do HDI, foram calculados os índices para o Brasil, México, Argentina e China. Estes são países com considerável extensão territorial e bastante heterogêneos, além de estar em níveis de desenvolvimento bem próximos do Brasil. As tabelas 1, 2, 3 e 4 mostram os resultados.⁶

Podemos inicialmente comparar as Bélgicas destes países. Para evitar ruídos indesejáveis, eliminamos os estados-cidade, isto é, as capitais, por não serem comparáveis com estados que são muito maiores e têm área rural. Ficam assim excluídas a cidade do México, Brasília e Buenos Aires, que são unidades independentes.

No caso do Brasil, o Rio Grande do Sul aparece claramente à frente de todos os outros, com uma pontuação de 0,868. Santa Catarina vem em 3^o lugar (2^o é Brasília) e São Paulo apenas em 5^o. A ampla superioridade nos níveis absolutos de renda de São Paulo (\$4.256 contra \$2.880 para o Rio Grande) não compensam os sete anos de diferença de esperança de vida a favor do Rio Grande, já que os outros indicadores são parecidos. Ou seja, por vir tratando bem da saúde dos seus habitantes, o Rio Grande do Sul se distancia consideravelmente de São Paulo.

Para a Argentina, eliminando a capital federal, em 1^o lugar vem a Província de Córdoba com 0,884. Seguem Neuquen e La Pampa, com resultados muito próximos. De fato, o país se revela muito mais homogêneo do que sua extensão territorial sugeriria.

No México, eliminando o Distrito Federal que obtém a maior pontuação, temos em 1^o lugar a província de Sonora com 0,899. Em seguida vem Nuevo Leon e Sinaloa, com índices também muito próximos.

Passando à China, a província de maior pontuação no índice é Shanxi. Seu índice atinge 0,884. Beijing está bem próxima de Shanxi, e Guangdong (antiga Cantão) está em 5^o com 0,716. Claramente, o gradiente da queda é muito mais parecido com o Brasil do que com o México e a Argentina, que são mais homogêneos.

⁶ Roberto Cavalcanti e Renato Villela trabalharam também com dados para as unidades federadas brasileiras (*A situação social no Brasil: um balanço de duas décadas*. In: Velloso, J. P. (ed.). *A questão social no Brasil*. São Paulo, Nobel, 1991). De modo geral, os números encontrados são consistentes com os nossos. Há, no entanto, duas diferenças. Nossos dados são de 1991 e os de Cavalcanti e Villela, de 1988. Mais importante, contudo, é o tratamento das variáveis educação e saúde, onde seguimos mais de perto os procedimentos originais do Pnud (tal como na monografia japonesa). Isso gera uma discrepância na amplitude da distribuição. Nos nossos dados mostram índices muitos mais baixos para a cauda inferior da distribuição (0,287 para a Paraíba, ao invés de 0,469).

Tabela 1
Brasil, HDI por estado

| HDI rank (94 HDR) | 63 | Medium human development | | | | | | | | | | | | |
|---------------------|------------|--------------------------|---------------------------------|-------------------|-------------------------|--------------|------------|------|-------------|------|---------|------|-------|------|
| | | GDP pc (PPPS) | Life expectancy at birth (year) | Literacy rate (%) | Mean years of schooling | Poverty line | | | | | | | | |
| | Max | 5.075 | 78,6 | 99,0 | 12,3 | 4.829 | | | | | | | | |
| | Min | 367 | 42,0 | 18,2 | 0,1 | | | | | | | | | |
| Year 1991 | GDP pc(\$) | GDP pc (PPPS) | Life expectancy at birth (year) | Literacy rate (%) | Mean years of schooling | Adjusted GDP | Point life | Rank | Point educ. | Rank | Point Y | Rank | HDI | Rank |
| Brasil | 2.560 | 4.718 | 65,5 | 81,2 | 4,83 | 4.718 | 0,642 | | 0,649 | | 0,924 | | 0,738 | |
| Norte | | | | | | | | | | | | | | |
| Rondônia | 1.029 | 1.896 | n.a. | n.a. | n.a. | 1.896 | n.a. | | n.a. | | n.a. | | n.a. | |
| Acre | 1.350 | 2.488 | n.a. | n.a. | n.a. | 2.488 | n.a. | | n.a. | | n.a. | | n.a. | |
| Amazonas | 2.499 | 4.606 | n.a. | n.a. | n.a. | 4.606 | n.a. | | n.a. | | n.a. | | n.a. | |
| Roraima | 1.566 | 2.886 | n.a. | n.a. | n.a. | 2.886 | n.a. | | n.a. | | n.a. | | n.a. | |
| Pará | 1.050 | 1.935 | n.a. | n.a. | n.a. | 1.935 | n.a. | | n.a. | | n.a. | | n.a. | |
| Amapá | 1.171 | 2.158 | n.a. | n.a. | n.a. | 2.158 | n.a. | | n.a. | | n.a. | | n.a. | |
| Tocantins | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | n.a. | 0 | n.a. | | n.a. | | n.a. | | n.a. | |
| Nordeste | | | | | | | | | | | | | | |
| Maranhão | 1.074 | 1.979 | 60,4 | 61,1 | 3,04 | 1.979 | 0,502 | 14 | 0,434 | 18 | 0,342 | 14 | 0,426 | 14 |
| Piauí | 552 | 1.017 | 62,9 | 59,1 | 2,96 | 1.017 | 0,570 | 13 | 0,416 | 19 | 0,138 | 20 | 0,375 | 16 |
| Ceará | 1.015 | 1.871 | 52,0 | 61,0 | 3,17 | 1.871 | 0,273 | 17 | 0,437 | 17 | 0,319 | 16 | 0,343 | 17 |
| Rio Grande do Norte | 980 | 1.806 | 50,4 | 64,0 | 3,90 | 1.806 | 0,229 | 19 | 0,482 | 14 | 0,306 | 18 | 0,339 | 18 |
| Paraíba | 715 | 1.318 | 49,4 | 61,9 | 3,65 | 1.318 | 0,201 | 20 | 0,458 | 16 | 0,202 | 19 | 0,287 | 20 |
| Pernambuco | 1.354 | 2.495 | 52,8 | 67,1 | 4,01 | 2.495 | 0,294 | 16 | 0,510 | 12 | 0,452 | 12 | 0,419 | 15 |
| Alagoas | 1.001 | 1.845 | 51,9 | 56,5 | 3,14 | 1.845 | 0,271 | 18 | 0,399 | 20 | 0,314 | 17 | 0,328 | 19 |
| Sergipe | 1.056 | 1.946 | 60,3 | 63,6 | 3,47 | 1.946 | 0,500 | 15 | 0,467 | 15 | 0,335 | 15 | 0,434 | 13 |
| Bahia | 1.520 | 2.801 | 63,0 | 67,0 | 3,44 | 2.801 | 0,573 | 12 | 0,494 | 13 | 0,517 | 11 | 0,528 | 12 |
| Sudeste | | | | | | | | | | | | | | |
| Minas Gerais | 2.987 | 5.505 | 67,6 | 84,1 | 4,68 | 4.881 | 0,700 | 11 | 0,669 | 8 | 0,959 | 4 | 0,776 | 9 |
| Espírito Santo | 2.470 | 4.552 | 71,8 | 81,3 | 4,86 | 4.552 | 0,813 | 2 | 0,651 | 9 | 0,889 | 9 | 0,784 | 8 |
| Rio de Janeiro | 3.203 | 5.903 | 67,7 | 90,5 | 5,99 | 4.895 | 0,703 | 10 | 0,758 | 2 | 0,962 | 3 | 0,807 | 6 |
| São Paulo | 4.256 | 7.844 | 68,1 | 90,9 | 5,70 | 4.939 | 0,712 | 9 | 0,753 | 3 | 0,971 | 1 | 0,812 | 5 |

Tabela 1 (continuação)
Brasil, HDI por estado

| | | | | | | | | | | | | | | |
|---------------------|-------|-------|------|------|------|-------|-------|---|-------|----|-------|----|-------|----|
| Sul | | | | | | | | | | | | | | |
| Paraná | 2.809 | 5.177 | 68,9 | 85,8 | 4,37 | 4.866 | 0,734 | 7 | 0,674 | 7 | 0,956 | 6 | 0,788 | 7 |
| Santa Catarina | 2.754 | 5.076 | 71,3 | 89,6 | 5,16 | 4.860 | 0,800 | 3 | 0,727 | 5 | 0,954 | 7 | 0,827 | 3 |
| Rio Grande do Sul | 2.880 | 5.308 | 75,1 | 90,4 | 5,47 | 4.873 | 0,905 | 1 | 0,742 | 4 | 0,957 | 5 | 0,868 | 1 |
| Centro-Oeste | | | | | | | | | | | | | | |
| Mato Grosso do Sul | 3.672 | 6.767 | 71,0 | 84,9 | 4,80 | 4.917 | 0,792 | 4 | 0,679 | 6 | 0,966 | 2 | 0,813 | 4 |
| Mato Grosso | 1.188 | 2.189 | 70,6 | 80,1 | 4,43 | 2.189 | 0,781 | 6 | 0,629 | 11 | 0,387 | 13 | 0,599 | 11 |
| Goiás | 2.264 | 4.172 | 68,6 | 81,0 | 4,50 | 4.172 | 0,727 | 8 | 0,638 | 10 | 0,808 | 10 | 0,725 | 10 |
| Distrito Federal | 2.653 | 4.889 | 70,9 | 91,4 | 6,76 | 4.845 | 0,790 | 5 | 0,786 | 1 | 0,951 | 8 | 0,843 | 2 |
| Norte | 1.277 | 2.353 | n.a. | n.a. | n.a. | 2.353 | n.a. | | n.a. | | n.a. | | n.a. | |
| Nordeste | 1.167 | 2.151 | 56,6 | 63,7 | 3,45 | 2.151 | 0,398 | | 0,467 | | 0,379 | | 0,414 | |
| Sudeste | 3.649 | 6.725 | 68,1 | 88,9 | 5,49 | 4.916 | 0,713 | | 0,731 | | 0,966 | | 0,803 | |
| Sul | 2.828 | 5.212 | 71,5 | 88,4 | 5,17 | 4.868 | 0,805 | | 0,718 | | 0,956 | | 0,826 | |
| Centro-Oeste | 2.365 | 4.359 | 69,7 | 83,5 | 4,96 | 4.359 | 0,757 | | 0,671 | | 0,848 | | 0,759 | |

Nota: Foram ignorados nos cálculos alguns estados novos para os quais não se dispõe de dados estatísticos.

Tabela 2
México, HDI por estado

| HDI rank (94 HDR) | High human development | | | | | | | | | | | | | |
|---------------------|------------------------|----------------|---------------------------------|---------------------------------|-------------------|--------------------------|------------|------|-------------|------|---------|------|-------|------|
| 52 | GDP pc (PPP\$) | Poverty line | Life expectancy at birth (year) | Literacy rate (%) | | | | | | | | | | |
| Max | 5.075 | 4.829,00 | 78,6 | 99,0 | | | | | | | | | | |
| Min | 367 | | 42,0 | 18,2 | | | | | | | | | | |
| Year 1990 | GDP pc (\$) | GDP pc (PPP\$) | Adjusted real GDP pc | Life expectancy at birth (year) | Literacy rate (%) | Combined enrolment ratio | Point life | Rank | Point educ. | Rank | Point Y | Rank | HDI | Rank |
| México | 2.791 | 5.918 | 4.895 | | | | | | | | | | | |
| Aguascalientes | 1.416 | 3.003 | 3.003 | 73,6 | 93,0 | 57,7 | 0,863 | 7 | 0,812 | 11 | 0,560 | 20 | 0,745 | 19 |
| Baja California | 2.135 | 4.527 | 4.527 | 73,8 | 95,3 | 56,6 | 0,869 | 4 | 0,824 | 6 | 0,884 | 10 | 0,859 | 9 |
| Baja California Sur | 2.047 | 4.340 | 4.340 | 73,7 | 94,6 | 62,4 | 0,866 | 5 | 0,839 | 4 | 0,844 | 12 | 0,850 | 12 |
| Campeche | 5.799 | 12.296 | 5.009 | 73,1 | 84,6 | 60,5 | 0,850 | 14 | 0,766 | 22 | 0,986 | 2 | 0,867 | 6 |
| Coahuila | 2.112 | 4.478 | 4.478 | 73,6 | 94,5 | 59,5 | 0,863 | 7 | 0,828 | 5 | 0,873 | 11 | 0,855 | 11 |
| Colima | 1.738 | 3.686 | 3.686 | 72,7 | 90,7 | 59,9 | 0,839 | 21 | 0,804 | 14 | 0,705 | 16 | 0,783 | 15 |
| Chiapas | 845 | 1.791 | 1.791 | 70,8 | 70,0 | 52,9 | 0,787 | 31 | 0,643 | 32 | 0,302 | 30 | 0,577 | 32 |
| Chihuahua | 1.855 | 3.934 | 3.934 | 73,1 | 93,9 | 56,4 | 0,850 | 14 | 0,814 | 8 | 0,758 | 13 | 0,807 | 13 |
| Distrito Federal | 3.615 | 7.666 | 4.936 | 73,9 | 96,0 | 71,0 | 0,872 | 3 | 0,877 | 1 | 0,970 | 6 | 0,906 | 1 |
| Durango | 1.317 | 2.793 | 2.793 | 73,0 | 93,0 | 57,0 | 0,847 | 16 | 0,810 | 12 | 0,515 | 22 | 0,724 | 21 |
| Guanajuato | 1.156 | 2.452 | 2.452 | 72,4 | 83,5 | 53,8 | 0,831 | 28 | 0,736 | 27 | 0,443 | 26 | 0,670 | 26 |
| Guerrero | 1.002 | 2.125 | 2.125 | 72,0 | 73,2 | 63,0 | 0,820 | 29 | 0,698 | 30 | 0,373 | 28 | 0,630 | 30 |
| Hidalgo | 1.257 | 2.665 | 2.665 | 72,5 | 79,4 | 59,9 | 0,833 | 24 | 0,729 | 29 | 0,488 | 23 | 0,683 | 25 |
| Jalisco | 1.782 | 3.779 | 3.779 | 72,9 | 91,1 | 62,9 | 0,844 | 18 | 0,817 | 7 | 0,725 | 14 | 0,795 | 14 |
| México | 1.620 | 3.434 | 3.434 | 73,0 | 91,0 | 56,1 | 0,847 | 16 | 0,794 | 17 | 0,651 | 17 | 0,764 | 17 |
| Michoacán | 976 | 2.068 | 2.068 | 72,7 | 82,7 | 53,7 | 0,839 | 21 | 0,730 | 28 | 0,361 | 29 | 0,644 | 29 |
| Morelos | 1.490 | 3.159 | 3.159 | 73,2 | 88,1 | 61,4 | 0,852 | 12 | 0,792 | 18 | 0,593 | 18 | 0,746 | 18 |
| Nayarit | 1.231 | 2.610 | 2.610 | 73,5 | 88,7 | 62,5 | 0,861 | 9 | 0,800 | 15 | 0,476 | 24 | 0,712 | 23 |
| Nuevo León | 2.849 | 6.041 | 4.899 | 74,5 | 95,4 | 62,6 | 0,888 | 1 | 0,845 | 2 | 0,963 | 8 | 0,898 | 3 |
| Oaxaca | 791 | 1.678 | 1.678 | 70,8 | 72,5 | 58,4 | 0,787 | 31 | 0,678 | 31 | 0,278 | 32 | 0,581 | 31 |
| Puebla | 1.049 | 2.225 | 2.225 | 71,9 | 80,8 | 62,6 | 0,817 | 30 | 0,747 | 25 | 0,395 | 27 | 0,653 | 28 |
| Querétano | 4.381 | 9.289 | 4.963 | 72,5 | 84,7 | 59,5 | 0,833 | 24 | 0,763 | 23 | 0,976 | 4 | 0,857 | 10 |
| Quintana Roo | 5.323 | 11.287 | 5.003 | 73,2 | 87,7 | 55,4 | 0,852 | 12 | 0,769 | 20 | 0,985 | 3 | 0,869 | 5 |
| San Luis Potosí | 1.185 | 2.513 | 2.513 | 73,3 | 85,1 | 60,1 | 0,855 | 11 | 0,768 | 21 | 0,456 | 25 | 0,693 | 24 |
| Sinaloa | 4.288 | 9.092 | 4.960 | 73,7 | 90,2 | 63,5 | 0,866 | 5 | 0,813 | 10 | 0,975 | 5 | 0,885 | 4 |
| Sonora | 8.717 | 18.484 | 5.050 | 73,5 | 94,4 | 63,6 | 0,861 | 9 | 0,841 | 3 | 0,995 | 1 | 0,899 | 2 |
| Tabasco | 2.328 | 4.937 | 4.850 | 72,5 | 87,4 | 64,2 | 0,833 | 24 | 0,797 | 16 | 0,952 | 9 | 0,861 | 8 |
| Tamaulipas | 791 | 1.678 | 1.678 | 74,1 | 93,1 | 58,0 | 0,877 | 2 | 0,814 | 9 | 0,278 | 31 | 0,657 | 27 |
| Tlaxcala | 1.334 | 2.828 | 2.828 | 72,9 | 88,9 | 64,3 | 0,844 | 18 | 0,807 | 13 | 0,523 | 21 | 0,725 | 20 |
| Veracruz | 1.418 | 3.006 | 3.006 | 72,8 | 81,8 | 57,4 | 0,842 | 20 | 0,737 | 26 | 0,560 | 19 | 0,713 | 22 |
| Yucatán | 1.753 | 3.717 | 3.717 | 72,6 | 84,2 | 58,3 | 0,836 | 23 | 0,756 | 24 | 0,712 | 15 | 0,768 | 16 |
| Zacatecas | 3.392 | 7.192 | 4.926 | 72,5 | 90,1 | 54,9 | 0,833 | 24 | 0,784 | 19 | 0,968 | 7 | 0,862 | 7 |

Tabela 3
Argentina, HDI por estado

| HDI rank (94 HDR) | High human development | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---------------------|------------------------|----------------|----------------------|---------------------------------|-------------------|-------------|-------------|-------------|--------------------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| | GDP pc (PPP\$) | | Poverty line | Life expectancy at birth (year) | Literacy rate (%) | | | | | | | | | | | | |
| | Max | Min | 5.120 | 78,6 | 99 | | | | | | | | | | | | |
| | | | | 42,4 | 19 | | | | | | | | | | | | |
| | GDP pc (\$) | GDP pc (PPP\$) | Adjusted real GDP pc | Life expectancy at birth (year) | Literacy rate (%) | 6-12 years | 13-17 years | 18-22 years | Combined enrolment ratio | Point life | Rank | Point educ. | Rank | Point Y | Rank | HDI | Rank |
| Argentina | 3.217 | 5120 | 5120 | 71,1 | 95,5 | 97,5 | 66,7 | 26,8 | 63,67 | 0,793 | | 0,849 | | 0,950 | | 0,864 | |
| Advanced | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Capital Federal | 5.233 | 8.329 | 5233 | 75,9 | 99,3 | 98,8 | 86,5 | 48,8 | 78,03 | 0,925 | 1 | 0,922 | 1 | 0,972 | 1 | 0,940 | 1 |
| Buenos Aires | 4.733 | 4.733 | 4.733 | 72,9 | 97,7 | 98,3 | 66,3 | 23,9 | 62,83 | 0,843 | 5 | 0,860 | 5 | 0,872 | 8 | 0,858 | 5 |
| Córdoba | 4.859 | 4.859 | 4.859 | 74,4 | 96,8 | 98,3 | 71,1 | 34,3 | 67,90 | 0,884 | 2 | 0,872 | 3 | 0,898 | 7 | 0,884 | 2 |
| Sanm Fê | 4.609 | 4.609 | 4.609 | 73,5 | 96,3 | 98,1 | 69,0 | 29,1 | 65,40 | 0,859 | 4 | 0,860 | 6 | 0,848 | 9 | 0,856 | 6 |
| Mendoza | 4.254 | 4.254 | 4.254 | 73,7 | 95,4 | 97,5 | 65,6 | 24,9 | 62,67 | 0,865 | 3 | 0,845 | 9 | 0,777 | 10 | 0,829 | 10 |
| Average | | | 4.738 | 74,1 | 97,1 | 98,2 | 71,7 | 32,2 | 67,40 | | 0,875 | | 0,872 | | 0,873 | | 0,873 |
| Low Density | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Chubut | 5.199 | 6.676 | 5.199 | 69,5 | 95,5 | 98,2 | 69,5 | 17,2 | 61,63 | 0,749 | 15 | 0,842 | 12 | 0,966 | 3 | 0,852 | 8 |
| La Pampa | 5.057 | 5.057 | 5.057 | 71,2 | 96,0 | 97,7 | 66,0 | 19,3 | 61,00 | 0,796 | 7 | 0,843 | 11 | 0,937 | 6 | 0,859 | 4 |
| Neuquen | 5.170 | 5.746 | 5.170 | 70,9 | 94,7 | 98,2 | 68,7 | 16,8 | 61,23 | 0,787 | 9 | 0,835 | 17 | 0,960 | 5 | 0,861 | 3 |
| Rio Negro | 4.195 | 4.195 | 4.195 | 69,8 | 94,4 | 97,6 | 67,5 | 16,1 | 60,40 | 0,757 | 14 | 0,831 | 19 | 0,765 | 11 | 0,784 | 12 |
| Santa Cruz | 5.175 | 5.884 | 5.175 | 68,5 | 97,8 | 99,0 | 80,8 | 17,5 | 65,77 | 0,721 | 19 | 0,871 | 4 | 0,961 | 4 | 0,851 | 9 |
| T. del Fuego | 5.225 | 7.888 | 5.225 | 68,5 | 98,9 | 99,6 | 81,0 | 12,6 | 64,40 | 0,721 | 19 | 0,874 | 2 | 0,971 | 2 | 0,855 | 7 |
| Average | | | 5.004 | 69,7 | 96,2 | 98,4 | 72,3 | 16,6 | 62,40 | | 0,755 | | 0,849 | | 0,927 | | 0,844 |
| Intermediate | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Entre Rios | 3.610 | 3.610 | 3.610 | 71,4 | 95,1 | 97,9 | 65,4 | 22,5 | 61,93 | 0,801 | 6 | 0,840 | 15 | 0,648 | 17 | 0,763 | 16 |
| Salta | 3.619 | 3.619 | 3.619 | 67,4 | 93,3 | 96,6 | 68,3 | 25,4 | 63,43 | 0,691 | 23 | 0,833 | 18 | 0,650 | 16 | 0,725 | 17 |
| San Juan | 3.072 | 3.072 | 3.072 | 70,6 | 95,7 | 97,7 | 66,7 | 26,0 | 63,47 | 0,779 | 10 | 0,850 | 7 | 0,540 | 24 | 0,723 | 18 |
| San Luis | 3.811 | 3.811 | 3.811 | 71,1 | 95,7 | 97,1 | 65,1 | 21,3 | 61,17 | 0,793 | 8 | 0,842 | 14 | 0,688 | 15 | 0,774 | 14 |
| Tucuman | 3.850 | 3.850 | 3.850 | 70,4 | 95,0 | 97,1 | 60,9 | 29,6 | 62,53 | 0,773 | 11 | 0,842 | 13 | 0,696 | 14 | 0,770 | 15 |
| Average | | | 3.592 | 70,2 | 95,0 | 97,3 | 65,3 | 25,0 | 62,50 | | 0,767 | | 0,841 | | 0,644 | | 0,751 |
| Undeveloped | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Catamarca | 3.976 | 3.976 | 3.976 | 70,0 | 95,5 | 97,4 | 65,5 | 23,1 | 62,00 | 0,762 | 13 | 0,843 | 10 | 0,721 | 13 | 0,776 | 13 |
| Chaco | 3.438 | 3.438 | 3.438 | 67,7 | 88,7 | 90,4 | 51,3 | 20,3 | 54,00 | 0,699 | 22 | 0,771 | 24 | 0,613 | 19 | 0,695 | 23 |
| Corrientes | 3.145 | 3.145 | 3.145 | 68,7 | 90,7 | 96,0 | 57,2 | 25,6 | 59,60 | 0,727 | 18 | 0,803 | 21 | 0,555 | 22 | 0,695 | 22 |
| Formosa | 3.137 | 3.137 | 3.137 | 69,3 | 91,8 | 96,0 | 60,5 | 19,9 | 58,80 | 0,743 | 16 | 0,808 | 20 | 0,553 | 23 | 0,701 | 21 |
| Jujuy | 3.146 | 3.146 | 3.146 | 67,0 | 93,3 | 97,9 | 71,1 | 23,3 | 64,10 | 0,680 | 24 | 0,836 | 16 | 0,555 | 21 | 0,690 | 24 |
| La Rioja | 4.121 | 4.121 | 4.121 | 70,2 | 96,0 | 97,7 | 67,6 | 21,9 | 62,40 | 0,768 | 12 | 0,848 | 8 | 0,750 | 12 | 0,789 | 11 |
| Misiones | 3.525 | 6.525 | 3.525 | 68,5 | 91,7 | 94,3 | 49,8 | 15,1 | 53,07 | 0,721 | 19 | 0,788 | 23 | 0,631 | 18 | 0,713 | 19 |
| Sgo. Estero | 3.293 | 3.293 | 3.293 | 68,9 | 91,4 | 95,1 | 52,2 | 18,4 | 55,23 | 0,732 | 17 | 0,793 | 22 | 0,584 | 20 | 0,703 | 20 |
| Average | | | 3.473 | 68,8 | 92,4 | 95,6 | 59,4 | 21,0 | 58,70 | | 0,729 | | 0,811 | | 0,620 | | 0,720 |

Tabela 4
China, HDI por estado

| HDI Rank (94 HDR) | | 94 Medium human development | | | | | | | |
|-------------------|---------|-----------------------------|------|-----------|------|--------|------|-------|------|
| Year 1990 | Region | Health | Rank | Education | Rank | Income | Rank | HDI | Rank |
| Shanxi | Coast | 0,899 | 1 | 0,785 | 2 | 0,969 | 1 | 0,884 | 1 |
| Beijing | Coast | 0,843 | 2 | 0,815 | 1 | 0,963 | 2 | 0,874 | 2 |
| Tianjin | Coast | 0,828 | 4 | 0,748 | 6 | 0,906 | 3 | 0,827 | 3 |
| Liaoning | Coast | 0,771 | 9 | 0,782 | 3 | 0,602 | 4 | 0,719 | 4 |
| Guangdong | Coast | 0,834 | 3 | 0,744 | 8 | 0,571 | 5 | 0,716 | 5 |
| Zhejiang | Coast | 0,814 | 5 | 0,679 | 21 | 0,484 | 6 | 0,659 | 6 |
| Jiangsu | Coast | 0,802 | 6 | 0,687 | 17 | 0,466 | 7 | 0,652 | 7 |
| Heilongjiang | Central | 0,682 | 20 | 0,756 | 5 | 0,441 | 8 | 0,626 | 8 |
| Jilin | Central | 0,709 | 16 | 0,759 | 4 | 0,366 | 10 | 0,611 | 9 |
| Shandong | Coast | 0,781 | 7 | 0,682 | 20 | 0,361 | 11 | 0,608 | 10 |
| Hainan | Coast | 0,768 | 11 | 0,708 | 12 | 0,323 | 15 | 0,600 | 11 |
| Shanxi | Central | 0,737 | 13 | 0,744 | 7 | 0,306 | 16 | 0,596 | 12 |
| Hebei | Coast | 0,775 | 8 | 0,696 | 14 | 0,302 | 17 | 0,591 | 13 |
| Fujian | Coast | 0,726 | 15 | 0,684 | 19 | 0,351 | 12 | 0,587 | 14 |
| Hubei | Central | 0,690 | 18 | 0,694 | 15 | 0,330 | 14 | 0,571 | 15 |
| Henan | Central | 0,769 | 10 | 0,688 | 16 | 0,212 | 28 | 0,556 | 16 |
| Xinjian | West | 0,557 | 28 | 0,719 | 11 | 0,383 | 9 | 0,553 | 17 |
| Hunan | Central | 0,681 | 22 | 0,728 | 10 | 0,243 | 20 | 0,551 | 18 |
| Inner Mongolia | Central | 0,647 | 25 | 0,702 | 13 | 0,293 | 18 | 0,547 | 19 |
| Guangxi | Coast | 0,730 | 14 | 0,731 | 9 | 0,180 | 29 | 0,547 | 20 |
| Shaanxi | West | 0,694 | 17 | 0,675 | 23 | 0,238 | 21 | 0,536 | 21 |
| Ningsia | West | 0,681 | 21 | 0,622 | 24 | 0,286 | 19 | 0,530 | 22 |
| Sichuan | West | 0,665 | 23 | 0,685 | 18 | 0,219 | 25 | 0,523 | 23 |
| Anhui | Central | 0,751 | 12 | 0,597 | 25 | 0,221 | 24 | 0,523 | 24 |
| Jiangxi | Central | 0,659 | 24 | 0,679 | 22 | 0,228 | 23 | 0,522 | 25 |
| Gansu | West | 0,690 | 19 | 0,561 | 29 | 0,213 | 27 | 0,488 | 26 |
| Qinghai | West | 0,507 | 29 | 0,564 | 28 | 0,336 | 13 | 0,469 | 27 |
| Yunnan | West | 0,587 | 27 | 0,575 | 27 | 0,219 | 26 | 0,460 | 28 |
| Guizhou | West | 0,609 | 26 | 0,585 | 26 | 0,140 | 30 | 0,445 | 29 |
| Tibet | West | 0,482 | 30 | 0,355 | 30 | 0,230 | 22 | 0,356 | 30 |
| Coast | | 0,789 | | 0,741 | | 0,626 | | 0,719 | |
| Central | | 0,697 | | 0,702 | | 0,281 | | 0,560 | |
| West | | 0,626 | | 0,580 | | 0,232 | | 0,480 | |
| China | | 0,711 | | 0,681 | | 0,402 | | 0,598 | |

Source: OECF, 1996.

É particularmente interessante a comparação dos estados de melhor padrão de desenvolvimento humano. Rio Grande do Sul, Córdoba, Sonora e Shanxi obtêm pontuação muito próxima, praticamente se confundindo, se considerarmos a magnitude dos erros que devem estar contidos nas medidas. Isso é, a província melhor da Argentina não é superior ao Rio Grande do Sul. O mesmo é verdade também em matéria de renda *per capita*. Não é a situação superior de algumas regiões que dá à Argentina uma posição amplamente superior ao Brasil no HDI mostrado pelo Pnud.⁷

Pela mesma forma, o Rio Grande do Sul nada fica a dever aos melhores estados mexicanos. Os indicadores estão em níveis muito similares.

No todo, as comparações mostram um resultado bastante interessante. Não há diferenças significativas entre os estados/províncias de melhores níveis de desenvolvimento humano. Os de melhor desempenho entre os quatro países estão em situação muito parecida. E na verdade, estão em uma situação bastante boa. A imagem da Argentina como oferecendo um padrão de vida amplamente superior ao do Brasil não se confirma. Não há uma só província da Argentina que ofereça uma qualidade de vida superior à do Rio Grande do Sul. O mesmo se dá com o México. Já a China, fonte de tantas imagens de fomes e desgraças, vemos que suas províncias melhor situadas não perdem em nada para as melhores regiões latino-americanas.

O Rio Grande do Sul não atinge a Bélgica que tem um indicador de 0,916 (13ª posição). Mas chega ao nível da Coreia (0,859).

São Paulo, a “locomotiva” do país, compara-se com a Rússia e com a Polônia. A esperança de vida é praticamente a mesma (71 anos), a educação é muito pior em São Paulo, mas como a renda paulista é maior, compensam-se os índices.

4. A Geografia da Pobreza

Na seção anterior, examinamos a situação dos melhores em matéria de recursos humanos. Passamos na presente a examinar os piores. É aqui onde a situação se apresenta muitíssimo mais diferenciada.

O pior estado brasileiro é a Paraíba com um HDI de 0,287. De fato, quase todo o Nordeste tem HDIs de menos de 0,4. Mas, ao contrário do que se imagina, o Piauí não é o último, havendo quatro estados em pior situação (Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas e Paraíba). Surpreende o Ceará que, com 0,43 ponto, perde para o Piauí que obtém 0,375. Curiosamente, a superioridade do Piauí origina-se de uma maior esperança de vida (13ª posição no *ranking* nacional).

A comparação com a Argentina mostra o que mais ou menos se esperava. A província em piores condições sociais é Jujuy que obtém um HDI de 0,690. Este resultado é extraordinariamente superior ao do pior estado brasileiro. Este valor

⁷ 0,853 para a Argentina e 0,756 para o Brasil, respectivamente em 37º e 63º lugares.

corresponde praticamente à média brasileira. Corresponde também ao nosso estado de Goiás que está em 10^o lugar no Brasil.

Ou seja, as diferenças de qualidade dos recursos humanos entre Brasil e Argentina não resultam das províncias ricas argentinas serem melhores do que os nossos estados ricos. Pelo contrário, nossos ricos estão tão bem quanto os ricos argentinos. Mas os nossos estados pobres estão muito pior do que os argentinos pobres. As distribuições são iguais no topo. Só que a da Argentina tem um gradiente lento e a nossa despenca até níveis escabrosos. A esperança de vida em Jujuy é de 67 anos, enquanto na Paraíba é de 49. O analfabetismo é de 7% e na Paraíba de 38%.

Os indicadores do México caem mais abruptamente do que os da Argentina. Em Chiapas, que é o estado pior, chega a 0,577. De fato, não há mais do que dois estados com menos de 0,6 – que corresponde a Mato Grosso, um estado que se situa em 11^o lugar no Brasil. Mas note-se que Chiapas está muitíssimo melhor do que a Paraíba, estando, na verdade, pouco abaixo de Goiás. Em Chiapas, a esperança de vida é de 70 anos e o analfabetismo de 30%, situação muito mais confortável do que a Paraíba. Ou seja, se o barril de pólvora de Chiapas resulta das más condições sociais como notícia a imprensa, o Nordeste brasileiro estaria correndo riscos ainda maiores. Ao contrário do que se poderia imaginar, os estados mexicanos mais pobres não chegam perto dos brasileiros.

As comparações com a China mostram uma situação mais próxima da nossa. Os piores indicadores de recursos humanos estão no Tibet, com 0,356. Os seus indicadores de esperança de vida são muito superiores (0,48 comparado com 0,21 para a Paraíba e 0,273 para o Ceará). Na educação, Paraíba e Ceará estão ligeiramente melhores. Mas note-se que na penúltima província chinesa (Guizhou) o indicador já pula para 0,44, superior ao Nordeste brasileiro. O Tibet está bem acima da Paraíba, calibrando-se com o Ceará. Mas ainda assim, os dados mostram que a China é um país de extremos, muito parecido com o Brasil. Em suma, é o único país dentre os três onde os indicadores de desenvolvimento humano chegam a níveis quase tão baixos quanto os do Brasil.

Comparando o índice da Paraíba com os países do Pnud, vemos que o Brasil está praticamente no mesmo nível que Angola, um dos países dentre os 10 mais pobres do mundo. A Índia está com um índice de 0,39, comparável com os melhores estados do Nordeste (Bahia, Maranhão e Sergipe).

Para entender melhor porque temos esses índices, preparamos as figuras 1 e 2, mostrando as distribuições de frequência entre educação e renda e entre saúde e renda. A primeira observação a ser feita é que a correlação renda/educação é muito elevada (0,92). De fato, é bem maior do que a correlação renda/esperança de vida (0,79). Isto significa que os estados, historicamente, gastaram com educação proporcionalmente às suas riquezas, mas com saúde uns fazem mais e outros menos.

Figura 1
 Distribuição de freqüência
 Índices de renda e de educação (Brasil, 1991)

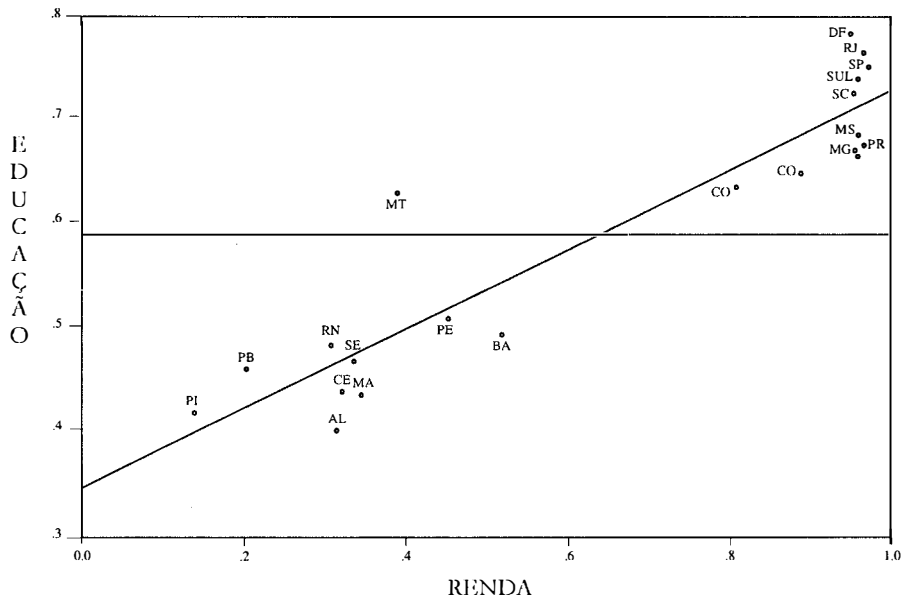
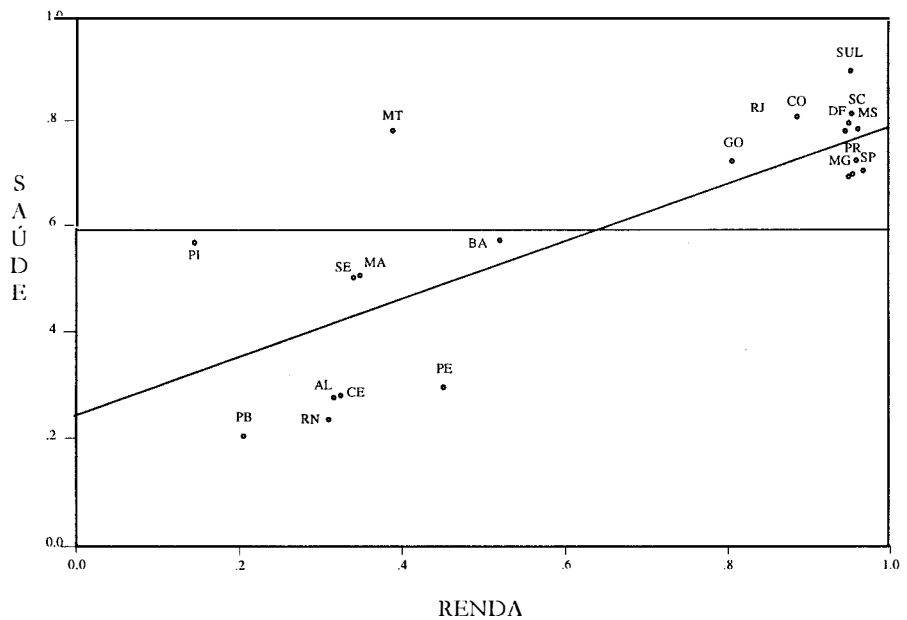


Figura 2
 Distribuição de freqüência
 Índices de renda e de saúde (Brasil, 1991)



Veja-se, por exemplo, que o Ceará está muito abaixo do Piauí em matéria de esperança de vida. Todo o esforço recente do Ceará para revolucionar seu sistema de saúde não aparece nesses indicadores que refletem o que aconteceu no último meio século. Mas mesmo assim, por que a diferença? Mas em matéria de saúde, o resultado mais trágico é o de Alagoas, que além de ser o pior colocado, tem níveis de renda acima dos estados mais pobres, ou seja, não é estritamente por pobreza que anda mal a saúde dos seus habitantes.

No grupo da “Coréia”, notamos que, em matéria de saúde, Minas e São Paulo estão piores do que se justifica pelo seu nível elevado de renda, enquanto os estados sulinos estão acima da linha de regressão. Na educação, São Paulo está acima da linha de regressão e Minas abaixo. Dado o tipo de indicador utilizado, isto não é uma surpresa, já que o grande salto educativo de Minas Gerais foi dado nos últimos anos e pouco altera as estatísticas globais. Este é um ponto importante a ter em mente: os indicadores pouco dizem sobre os esforços recentes na área social. Pelo contrário, + medem um desempenho acumulado em várias décadas.

5. O Que Fazer com a República de Corgola?

Edmar Bacha foi muito otimista em sua metáfora da Belíndia. Não chegamos a Bélgica, embora não fiquemos mal junto com a Coréia. Mas estamos muito piores do que a Índia, estamos como Angola. Ou seja, combinamos Coréia e Angola. “Corgola”, portanto.

Ao contrário do que poderíamos esperar, isto é, um *continuum* entre os mais ricos e os mais pobres, as distribuições são muito polarizadas. De fato, Corgola não é uma metáfora para uma ampla distribuição de desempenhos em educação e saúde, mas dois blocos bem separados. Mato Grosso e Goiás se aproximam do meio do caminho, mas os demais estão impressionantemente separados em dois blocos distintos. Muito literalmente, são “Dois Brasis”.

Em que pese todas as deficiências e possíveis erros embutidos nesses dados, não podemos fugir da gravidade que estão mostrando estes índices. Convivem no mesmo território estados escandalosamente diferenciados. Temos estados que, se não são padrões europeus, pelo menos estão no grupo dos países mais bem situados do Terceiro Mundo: Coréia, Costa Rica, Uruguai e Chile.

Mas temos o Nordeste que varia entre o subcontinente indiano e os piores países da África. Como os índices usados têm muita inércia, é certo que os índices não façam justiça aos progressos recentes não estejam sendo captados. Mas bem sabemos que os avanços recentes na educação não atingem o Nordeste e que o sistema de saúde brasileiro permanece particularmente frágil no seu impacto sobre os mais pobres. Portanto, não há lugar para tantos otimismo quanto ao que se estaria fazendo para melhorar a situação. O lado mais positivo é o progresso econômico que permite os graus de liberdade necessários para as inversões sociais. Mas como os dados nos mostram, ao contrário da China, os ganhos econômicos não se convertem necessariamente em ganhos sociais. Há recursos crescentes para melhorar o desenvolvimento humano do Brasil. Mas haverá vontade política para tal?